

Igreja e perdão a índios e negros

CARLOS ALBERTO RABAÇA*

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil anunciou que pretende tornar público, nas comemorações de 500 anos do Descobrimento, seu arrependimento pelo fato de a Igreja Católica ter-se omitido diante das agressões contra os povos indígenas e negros trazidos para o país como escravos.

Há, naturalmente, explicações para esses erros. A ideologia das descobertas empurrava os europeus para a conquista e o espírito neohumanístico da Renascença exigia o expansionismo a qualquer custo. Para os conquistadores, todos os nativos eram uma sub-raça, em geral digna de desprezo. Foi preciso uma bula papal – *Veritas ipsa*, do papa Paulo III, em 1537 – para convencer a maioria dos europeus de que os índios eram homens, não podendo ser escravizados, nem forçados a abraçar o cristianismo. O desprezo pelo nativo continuou pelos séculos XVI e XVII, só mudando no XVIII, quando teve início a supervalorização e a romantização dos povos primitivos. O século XIX marcou um novo tipo de desprezo, agora científico, dotado de uma ideologia. Teorias antropológicas pregando a inferioridade do homem de cor foram aceitas

com naturalidade.

O fim da era do colonialismo, no século XX, determinou outra reação à atitude do século anterior. A Etnologia se separava da Antropologia e o estudo das transformações culturais jogava uma luz sobre os povos mais atrasados em relação à tecnologia do mundo ocidental. Assim mudou, outra vez, a atitude do homem chamado civilizado com o não-civilizado. Passou-se a questionar o anseio da civilização, posta nos termos a que chegou. E aí surge uma indagação: o pedido de perdão deve ser apenas da Igreja ou de toda a sociedade civilizada?

Já as raízes da unificação social do negro apresentam características diferentes em relação ao índio. O africano veio para o Brasil, integrando-se na terra, na ecologia, nas aspirações comuns do povo, na alegria dos trópicos e na força de uma cultura particular misturada com a do português e a do habitante da terra.

O meio ambiente influenciou, naturalmente. As frutas brasileiras eram parecidas com as africanas, a comida também e o calor que cercava as coisas era o mesmo. Para a religião primitiva, a comida é básica. Ao venerar seus deuses, conseguia o escravo africano, em ter-

ras brasileiras, fazê-lo com pouca diferença em relação ao modo como agia na África. Sabe-se que a reação do europeu contra as religiões africanas foi grande também entre nós. Até o começo do século XX, cartas a jornais pediam providências à polícia contra a prática de cultos negros neste ou naquele bairro.

Nos nossos dias, a influência da religião – ou das religiões – da África no Brasil é muito grande, embora ela já não mais seja inteiramente africana. Surgiu o sincretismo, o fenômeno da mistura que se espalhou por todo o país e foi assumindo aspectos diferentes em cada lugar. Missas são rezadas com paramentos e instrumentos musicais africanos.

Apesar da violência que assola a sociedade contemporânea, somos particularmente sensíveis aos “pecados do mundo”. A consciência humana julga mais severamente fatos como o preconceito, a tortura, as intolerâncias raciais, sociais, religiosas, ideológicas, recusando a manipulação de pessoas e o abuso do poder. Ao fazer uma autocrítica, a Igreja Católica transmite uma nova solidariedade de vida e de amor a toda humanidade, pela qual ela se santifica e se redime dos erros do passado.

*Professor e sociólogo

7/18/8/1994
774
53
9